



A OPÇÃO DA IGREJA PRIMITIVA PELA FILOSOFIA: O DEUS DA FÉ E O DEUS DOS FILÓSOFOS EM JOSEPH RATZINGER

(The option of the Early Church for the philosophy:
the God of faith and the God of the philosophers by Joseph Ratzinger)

Heber Ramos Bertuci

Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie – SP

RESUMO

O cristianismo é analisado nos dias de hoje com o argumento de que pertence ao campo mitológico. Joseph Ratzinger (1927 -) contesta essa análise com uma tese de Agostinho (354 – 430), que classifica o cristianismo como parte da teologia natural, de acordo com a classificação das três teologias de Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.). A tese de Agostinho confere ao cristianismo a base natural e não mítica, de acordo com as outras religiões da antiguidade. Esta é uma das razões pelas quais ainda hoje se pode ter certeza de que o cristianismo é essencial para a humanidade.

Palavras-Chave: Joseph Ratzinger; Agostinho; Marcus Terentius Varro; Cristianismo.

RESUMEN

El cristianismo es analizado en los días de hoy como un argumento de que pertenece al campo mitológico. Joseph Ratzinger (1927 -) contesta a esto análisis una tesis de Agustín (354 – 430) que clasifica el cristianismo como parte de la teología natural, de acuerdo con la clasificación de las tres teologías de Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.). La tesis de Agustín confiere al cristianismo la base natural y no mítica, de acuerdo con las otras religiones de la Antigüedad. Esta es una de las razones por las cuales aún hoy se puede tener certeza de que el cristianismo es esencial para la humanidad.

Palabras Clave: Joseph Ratzinger; Agustín; Marcus Terentius Varro; Cristianismo.

INTRODUÇÃO

“... o mundo precisa de pessoas que descubram o bem, que se alegrem por causa dele e que, desse modo, encontrem a energia e a coragem para o bem. A alegria, portanto, não exclui a solidariedade. Quando é correta, quando não é egoísta, quando vem da percepção do bem, então também quer comunicar-se e se perpetuar.”¹

¹ RATZINGER, Joseph. *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio* (Um diálogo com Peter Seewald). Tradução de Inês M. de Andrade. Rio de Janeiro – RJ: Imago, 1997, p. 31.



O teólogo alemão Joseph Ratzinger (1927 -), hoje conhecido como Papa Emérito Bento XVI, é um dos maiores eruditos de nosso tempo. Suas reflexões são profundas e atingem praticamente todas as áreas da teologia e filosofia. Sua obra é vasta e repleta de humanidade. Não é surpresa o fato de ele ter conquistado admiradores não apenas da Igreja Católica, como também de várias outras confissões religiosas. Um dos temas que Ratzinger aborda e que será resumido neste artigo é a respeito de uma escolha que a Igreja Antiga fez e que marcou profundamente a sua história. Ratzinger entende que esta escolha é ainda hoje uma resposta satisfatória para os teóricos de nosso tempo, que insistem em afirmar que o conteúdo da religião cristã é mito e que, portanto, é ultrapassado e deve desaparecer, assim como as antigas religiões.

Na obra *Introdução ao Cristianismo*, Ratzinger apresenta a questão da seguinte forma:

“Quando [na época das origens do cristianismo] surgiu a pergunta, a qual Deus correspondia o Deus cristão, se a Júpiter ou a Hermes, a Dionísio ou a um outro qualquer, a resposta foi sempre: a nenhum deles. A nenhum dos deuses que vocês adoram, mas única e exclusivamente àquele Deus que vocês não adoram, ou seja, àquele ser supremo do qual falam os seus filósofos.”²

Essa resposta, ensina Ratzinger, colocou o cristianismo como amigo da razão e como autêntico em sua busca pela verdade. Contudo, como ele chegou a essa conclusão? Observando se o cristianismo das origens se classificava como mito ou como realidade. Será exposta a explicação de Ratzinger em dois pontos: primeiramente, na teoria de Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.) sobre as três teologias (mítica, física [ou natural] e civil); em segundo lugar, na classificação de Agostinho de Hipona (354 – 430), que tem como base a mensagem bíblica e o racionalismo filosófico.

1. AS OPÇÕES DA IGREJA PRIMITIVA NA CRISE DOS DEUSES

“... a pergunta fracassa quando não existe perspectiva de resposta.” – Joseph Ratzinger.³

Nos primeiros séculos da Era Cristã, houve uma crise religiosa que é descrita por Joseph Ratzinger como a crise dos deuses.⁴ Segundo ele, Paulo se refere a ela na epístola aos Efésios quando afirma que os crentes para quem escreve, antes de seu encontro com Cristo, estavam “... sem esperança e sem Deus no mundo” (2,12). A expressão “sem Deus” no grego é *a;qeoi* (*atheoi*), de onde vem o termo ateu. Aqui surge a dúvida: se era comum que naquele tempo as pessoas fossem religiosas, então por que Paulo as chama de ateias? Ratzinger explica que é evidente que o apóstolo sabia que seus leitores “... tinham seguido deuses, que tiveram uma religião, mas os seus deuses revelaram-se discutíveis e, dos seus mitos contraditórios, não emanava qualquer esperança. Apesar de terem deuses, estavam ‘sem Deus’ e,

² *Idem. Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico. Tradução de Alfred J. Keller. 7. ed. São Paulo – SP: Loyola, 2014, p. 103. [Com um novo ensaio introdutório].

³ *Idem. Natureza e missão da Teologia*. Tradução de Carlos A. Pereira. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008, p. 21.

⁴ Cf.: *Idem. Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D’Arcais*. In: _____; D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?* Tradução de Sandra M. Dolinsky. São Paulo – SP: Planeta, 2009, p. 30.



consequentemente, achavam-se num mundo tenebroso, perante um futuro obscuro.”⁵ Aqui cabe a pergunta: o que levou a esSa crise? Ela ocorreu porque os dois principais seguimentos que explicavam a respeito de Deus estavam com o seu alvo equivocados. Em primeiro lugar, “O mito tinha perdido a sua credibilidade; a religião romana de estado tinha-se esclerosado em mero cerimonial que se realizava escrupulosamente, mas já reduzido simplesmente a uma ‘religião política’.”⁶ Em segundo lugar, “O racionalismo filosófico tinha relegado os deuses ao campo do irreal. O Divino era visto de diversos modos nas forças cósmicas, mas um Deus a quem se podia rezar não existia.”⁷ Eram esses os dois seguimentos que a Igreja Primitiva poderia escolher para, em algum aspecto, ser continuidade. Ou escolheria os mitos ou o racionalismo filosófico.

Como podemos, segundo Ratzinger, entender o dilema dos mitos das religiões e do racionalismo filosófico? O caminho que ele toma está na descrição que Agostinho de Hipona fez sobre o escritor romano Marcus Terentius Varro (116 – 27 a.C.).⁸ De acordo com Agostinho, “Embora de estilo bastante desagradável, [Varro] é tão rico de doutrina e de pensamentos que, em todas as ordens do saber a que nós chamamos *secular* e eles *liberal*, ele instrui o homem afeiçoado a estas matérias...”⁹ Marco Túlio Cícero (106–43 a.C.) também elogia Varrão, afirmando que ele era o mais erudito dos romanos.¹⁰ Para Varro, há “... três gêneros de teologia, isto é, da ciência racional dos deuses: a teologia mítica, a teologia física e a teologia civil...”¹¹ Quais são os agentes dessas teologias? Segundo ele, “Chama-se mítica a teologia de que usam, sobretudo, os poetas, natural a dos filósofos, civil a do povo.”¹² Quais são os lugares em que essas teologias se desenvolvem? Ele explica: “A primeira [mítica] é a teologia que melhor se acomoda ao teatro, a segunda [natural] ao mundo, a terceira [civil] à cidade”.¹³ Qual o conteúdo dessas teologias? Na mítica,

... há muitas ficções contrárias à dignidade e natureza dos imortais. Nela se diz que um deus procede da cabeça, outro, de uma coxa, outro nasceu de gotas de sangue. Também se diz que os deuses roubaram, cometeram adultério, se submeteram ao

⁵ BENTO XVI. *Spe Salvi: Sobre a Esperança Cristã*. São Paulo – SP: Paulus & Loyola, 2007. I, 2, p. 9. [Dado em Roma no dia 30 de Novembro de 2007]. (Documentos do Magistério).

⁶ *Ibid.*, II, 5, p. 14.

⁷ *Ibid.*, II, 5, p. 14.

⁸ A exposição de Ratzinger (1927 -) pode ser vista em: RATZINGER, Joseph (BENTO XVI). Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões. In: _____. *Ser cristão na era neopagã*: vol. II: Discursos e Homilias (2000 – 2004) & Debates (1993 e 2000). Campinas – SP: Ecclesiae, 2015, p. 14 – 16. (Organização de Rudy Albino de Assunção). [Conferência sob o tema “Verdade do Cristianismo”, pronunciada na Universidade de Paris IV – Sorbonne, em 27 de novembro de 1999]; RATZINGER, Joseph (BENTO XVI). *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*. 2. ed. Tradução de Sivar H. Ferreira. São Paulo – SP: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (Ramon Llull), 2013, p. 152 – 155; RATZINGER, Joseph (BENTO XVI). A pretensão da verdade posta em dúvida: a crise do Cristianismo no início do Terceiro Milênio. In: _____. Paulo F. D’ARCAIS, *Deus existe?*, p. 12 – 14.

⁹ SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. VI, II, p. 559. (Vol. I). [Grifos do autor].

¹⁰ Cf.: *Ibid.*, VI, II, p. 559.

¹¹ *Ibid.*, VI, V, p. 569.

¹² Marcus Terentius Varro. *Apud Ibid.*, VI, V, p. 569.

¹³ Marcus Terentius Varro. *Apud Ibid.*, VI, V, p. 572.



homem. Enfim, atribuem-se-lhes todas as fraquezas, não apenas as de qualquer homem, mas as do mais desprezível dos homens.¹⁴

A natural

... é aquela acerca da qual os filósofos nos deixaram muitos livros em que se questiona: os deuses — que são eles? onde residem? qual a sua origem? quais as suas qualidades? Existem desde determinada época, ou são eternos? provêm do fogo, como crê Heráclito? provêm dos números, como afirma Pitágoras, ou dos átomos como pretende Epicuro? e outras questões que se podem ouvir mais facilmente dentro das paredes de uma escola do que cá fora, no fórum.”¹⁵

A civil trata do culto, pois “... nas cidades, os cidadãos e principalmente os sacerdotes devem conhecer e praticar. É nela que se vê — quais os deuses que cada um deve oficialmente venerar, com que ritos e com que sacrifícios.”¹⁶

Segundo Agostinho, Varro desdenhou da teologia mítica porque “... declarou, sem sombra de ambiguidade, que se cometia com fábulas mentirosas uma grande injúria contra a natureza dos deuses, porque podia fazê-lo, e ousava fazê-lo, porque se sentia impune. Não falava, porém, da teologia natural nem da teologia civil, mas sim da fabulosa; julgava que podia livremente incriminar esta.”¹⁷ Percebemos que a teologia mítica era desprezada porque não apresentava a verdade. Era como uma sombra que indicava uma presença real, mas que não podia ser confiável na apresentação desta realidade. Nas palavras de Ratzinger: “... o que os poetas dizem são imagens que não devem ser tomadas no seu sentido físico; mas são, porém, imagens que exprimem o indizível para aquelas pessoas às quais era proibida a estrada real da união mística. Se bem estas imagens, como tais, não sejam a verdade, justificam-se como aproximações do que deve permanecer inefável.”¹⁸

Dessas considerações, duas perguntas devem ser feitas. A primeira: onde pode ser encontrada a verdade? Segundo Varro, a verdade pertence à teologia natural. Este é um dos principais motivos de seus elogios a ela. Nas palavras de Agostinho: “Varrão nada encontra de censurável nesta chamada teologia natural, que é a especialidade dos filósofos...”¹⁹ A segunda pergunta: onde pode ser encontrada a religião? Para Varro, na teologia civil. Torna-se claro que ele coloca em dois locais diferentes a religião e a verdade. Por que faz isso? Segundo Ratzinger, ao partilhar a “... a imagem estoica de Deus e do mundo; [Varrão] definiu Deus como (...) ‘a alma que dirige o mundo por meio do movimento e da razão’, em outros termos, como a alma do mundo, que os gregos chamam *cosmos* (...) Esta alma do mundo, todavia, não recebe culto. Não é objeto de *religio*.”²⁰ A adoração, religião ou culto, portanto, não estão na ordem da *res* (realidade), mas dos *mores* (costumes). A conclusão deste ensino de Varro não pode ser outro: “Não foram os deuses que criaram o Estado, foi o Estado que

¹⁴ Marcus Terentius Varro. *Apud Ibid.*, VI, V, p. 569.

¹⁵ Marcus Terentius Varro. *Apud Ibid.*, VI, V, p. 570.

¹⁶ Marcus Terentius Varro. *Apud Ibid.*, VI, V, p. 571.

¹⁷ *Ibid.*, VI, V, p. 570.

¹⁸ RATZINGER, JOSEPH. *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 155.

¹⁹ SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. VI, V, p. 570.

²⁰ RATZINGER, JOSEPH. Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões. In: _____. *Ser cristão na era neopagã*: vol. II: Discursos e Homilias (2000 – 2004) & Debates (1993 e 2000), p. 14.



instituiu os deuses, cuja veneração é essencial para a ordem do Estado, e para o bom comportamento dos cidadãos. A Religião é, na sua essência, um fenômeno político.”²¹

Ao observar essas duas realidades, a Igreja Primitiva teve que fazer uma escolha entre seguir os mitos das religiões (teologia mítica) ou o racionalismo filosófico (teologia natural). Dessa escolha estaria assegurado o seu futuro. Qual seria a verdadeira busca pela verdade? Qual conduziria a uma visão correta da realidade? Qual preservaria a doutrina cristã na época da crise dos deuses? Vejamos, abaixo, qual foi a escolha realizada.

2. A ESCOLHA DA IGREJA PRIMITIVA PELA FILOSOFIA

“Apesar de na história, e nos dias de hoje, a oposição contra a filosofia na teologia ser em ampla escala apenas oposição contra a metafísica, e não contra a filosofia em si, o teólogo é o último a conseguir separar uma coisa da outra. E vice-versa, o filósofo que deseje realmente chegar até às raízes não pode se desfazer do aguilhão da pergunta sobre Deus, da pergunta sobre a origem e o destino do ser em si.” – Joseph Ratzinger.²²

De acordo com Ratzinger, a escolha que a Igreja Primitiva fez para definir a essência de sua mensagem foi optar pelo racionalismo filosófico. Ele escreve: “A fé cristã optou (...) não pelos Deuses das religiões e sim pelo Deus dos filósofos, isto é, decidiu-se contra o mito do habitual e exclusivamente a favor da verdade do ser mesmo. Foi dessa atitude que nasceu a acusação contra a Igreja primitiva de que os seus adeptos eram ateístas.”²³ Abaixo serão citados, para provar essa tese de Ratzinger, alguns personagens bíblicos e a visão de Agostinho de Hipona.

2.1 A DIFERENCIAÇÃO ENTRE O DEUS DO RACIONALISMO FILOSÓFICO E O DEUS CRISTÃO

Antes, porém, de serem citados a Bíblia e Agostinho, é necessário explicar que o cristianismo foi além do conceito filosófico de Deus e o transformou. Isso significa que a religião cristã não apenas se apropriou de um conceito filosófico sobre Deus, como também trouxe a ele novos horizontes e uma amplitude mais pessoal. Ratzinger explica:

Para a antiguidade, o Deus dos filósofos que sobrou de tudo isso não tinha importância nenhuma do ponto de vista religioso, pois era visto apenas como uma realidade acadêmica fora do âmbito religioso. Deixar sobrar apenas este Deus e professar somente a fé nele parecia falta de religiosidade e até negação da religião, ou seja, ateísmo. Na suspeita de ateísmo que pesava sobre o cristianismo primitivo, revela-se nitidamente a sua orientação espiritual: a sua opção contra aquela religião e contra os seus costumes desprovidos de verdade, e unicamente a favor da verdade do ser.²⁴

Contra essa concepção, os teólogos cristãos do Novo Testamento explicaram que Deus não é impessoal, não é um ser que só existe no pensamento; é, antes, um ser que se relaciona, que

²¹ *Ibid.*, p. 14.

²² *Idem*, *Natureza e missão da Teologia*, p. 19.

²³ *Idem*, *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico, p. 107.

²⁴ *Ibid.*, p. 107.



fala com os homens, que se importa com eles, e que ouve as suas orações. Então, quando o Deus "... que o pensamento descobre se encontra no interior de uma religião como [Deus] que fala e age, então concilia-se pensamento e fé."²⁵ Em outras palavras, quando se decidiu pelo Deus dos filósofos, "... a fé cristã entendeu também que o ser humano pode dirigir-se a ele em suas orações e que ele, por sua vez, fala aos seres humanos; com isso conferiu a esse Deus dos filósofos um significado totalmente novo, pois ao tirá-lo da esfera puramente acadêmica, transformou-o profundamente."²⁶ São esses pressupostos que devem estar em nossa mente nas linhas que seguem.

2.2 PROVAS DE QUE OS PRIMEIROS CRISTÃOS OPTARAM PELO RACIONALISMO FILOSÓFICO

2.2.1 NOS ESCRITOS BÍBLICOS

No Antigo Testamento, temos a zombaria dos deuses no livro dos Salmos. Ali, a poesia não é descrita em linguagem mítica, mas expressa uma realidade que desdenha dos deuses que, sendo criados, não tem nenhum valor. Ratzinger escreve: "Um Deus sem poder é em si uma contradição. Se Ele não puder agir, falar, e se não pudermos dirigir-nos a Ele, podemos considerá-lo como uma hipótese abstrata; mas isso não tem nada a ver com aquele que a fé dos homens chama de 'Deus'."²⁷ O Deus apresentado em Israel é, antes, um ser que é poderoso, pessoal, e que por isso pode ter amizade com os homens. Essa ênfase também é vista na mensagem dos profetas de Israel, pois, quando eles "... veem no Deus de Israel a razão criadora de toda realidade, trata-se claramente de crítica religiosa em favor de uma visão correta da realidade. Aqui a fé de Israel ultrapassa claramente os limites de uma religião do povo...".²⁸ Ratzinger faz um paralelo interessante entre a crítica dos profetas de Israel e a crítica filosófica aos mitos gregos: "A pesquisa atual chega cada vez mais à conclusão de que havia um paralelismo surpreendente, no tempo e na temática, entre a crítica filosófica dos mitos, na Grécia, e a crítica profética dos deuses, em Israel."²⁹ Isso porque na mensagem profética, "... são mordazmente ridicularizados os deuses autofabricados, e (...) a estes se opõe o único Deus verdadeiro e real...".³⁰ Dessa forma, "... estamos diante do mesmo movimento espiritual que pode ser encontrado nos pré-socráticos do antigo iluminismo grego."³¹ Os profetas de Israel, "... que eram verdadeiros ilustrados no que se refere ao culto dos ídolos",³² eram a prova de que a religião israelita não aderiu aos mitos, mas se reconhecia a si como portadora de uma mensagem monoteísta e racional. Isso está de acordo com a filosofia da religião, que, segundo Ratzinger, defende que

²⁵ *Idem*. A pretensão da verdade posta em dúvida: a crise do Cristianismo no início do Terceiro Milênio. In: _____; Paolo F. D'ARCAIS, *Deus existe?*, p. 14.

²⁶ *Idem*, *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico, p. 107.

²⁷ *Idem*, *Natureza e missão da Teologia*, p. 22.

²⁸ *Ibid.*, p. 22.

²⁹ *Idem*, *Introdução ao Cristianismo*: preleções sobre o símbolo apostólico, p. 104.

³⁰ *Idem*, *Natureza e missão da Teologia*, p. 22.

³¹ *Ibid.*, p. 22.

³² *Idem*. Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D'Arcais. In: _____; D'ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?*, p. 40.



Toda religião, em última análise, basear-se-ia na experiência dos místicos, alcançada em contato direto com o divino e daí em parte transmitida aos muitos que não são capazes dessas experiências. A religião, portanto, existiria na humanidade de duas formas (e somente de duas): a forma direta da mística, como religião “de primeira mão”, e, a seguir, a forma indireta do conhecimento apenas ‘emprestado’ pelo místico, ou seja, a forma da fé e, portanto, da religião “de segunda mão”.³³

Entretanto, este foi apenas um primeiro estágio da experiência religiosa. Depois dele, houve a revolução monoteísta, cuja expressão clássica se deu exatamente em Israel. Neste estágio, “... se rejeita o mito como qualidade humana, afirmando-se *a absolutez do chamado divino* exemplificado pelos profetas.”³⁴ Desta forma, “... o tipo em que a revolução monoteísta se concretiza não é o místico, mas o profeta. Para este, o decisivo não é a identidade [com o divino], mas estar diante do Deus que chama e ordena.”³⁵ Os profetas e a religião oficial de Israel foram essenciais para que a Igreja Primitiva se embasasse não nos mitos das religiões, mas no racionalismo filosófico. De fato, “... aquela fé em um único Deus criado se apresentava justamente como *a religião racional*, que era buscada no momento da crise dos deuses.”³⁶ O judaísmo foi buscado na época intertestamentária e ainda nos tempos do Novo Testamento porque “... se oferecia como uma religião verdadeira e autêntica, não inventada pelos filósofos, mas realmente nascida do coração do homem e da luz de Deus, mas, ao mesmo tempo, em correspondência profunda com as convicções racionais daquele período.”³⁷ Uma religião com mais racionalidade era o que as pessoas daquela época almejavam. Nas palavras de Ratzinger: “... as pessoas, digamos, ‘iluminadas’ daquele período, em busca de Deus, que já não estavam satisfeitas com as religiões oficiais (...) buscavam não só uma construção filosófica, mas uma religião autêntica, que porém, correspondesse à razão”.³⁸

Destas parcas considerações no Antigo Testamento, se deve caminhar para o Novo Testamento. Ali, também se observa que a fé cristã não se embasa nos mitos das religiões, mas no racionalismo filosófico (ou teologia natural). Podem ser citados três exemplos. Em primeiro lugar, o apóstolo João. Em Jo 1,1, ele escreve que Cristo é o *lo,goj (logos)*. O que isso significa? O conceito de Logos alude “... ao lado da obscuridade, a claridade de Deus. A partir do prólogo de João, está no centro de nossa fé cristã em Deus o conceito do Logos, que significa razão, sentido, mas também palavra – um sentido, portanto, que é palavra, que é relação, que é criador.”³⁹ O termo Logos não indica, no cristianismo, uma realidade impessoal, “... e sim uma razão que já fala, ou seja, um relacionar-se, um aproximar-se, e nisso já temos uma renovação do conceito de razão que vai além da pura matemática, da pura geometria do ser – e que, não obstante, é *logos*”.⁴⁰ Em 14,6, Jesus se afirma como *avlh,qeia (aletheia)*, ou seja, a verdade. Os termos *logos* e *aletheia* são importantes para a cultura grega e João se apropria deles. Esta apropriação, segundo Ratzinger,

³³ *Idem, Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 28.

³⁴ *Ibid.*, p. 29 – 30. [Grifo do autor].

³⁵ *Ibid.*, p. 35.

³⁶ *Idem*. Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D’Arcais. In: _____; D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?*, p. 30.

³⁷ *Ibid.*, p. 30 – 31.

³⁸ *Ibid.*, p. 31.

³⁹ *Idem, Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*, p. 21.

⁴⁰ *Idem*, Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D’Arcais. In: _____; D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?*, p. 33.



... não pode ser reduzida a uma mera atribuição de sentido hebraico, em que *logos* fosse apenas “palavra” no sentido de um discurso histórico de Deus, e *aletheia* apenas a confiabilidade ou fidelidade. E vice-versa, pela mesma razão não se pode acusar João de torcer o elemento bíblico para o helenista. Ele está dentro da tradição sapiencial clássica. Justamente nele se pode estudar o acesso interior da fé bíblica em Deus e da cristologia bíblica ao interrogar filosófico, tanto em suas consequências quanto em suas origens.⁴¹

Em segundo lugar, pode ser citado o apóstolo Paulo. Ele costumava pregar para um grupo muito comum naquele tempo, chamado: “tementes a Deus”. Quem eram eles? Eram “... os pagãos que tinham reconhecido o verdadeiro Deus no monoteísmo de Israel.”⁴² Depois que um grupo se cansou do politeísmo greco-romano, eles se voltaram à fé judaica, “... que foi considerada a forma religiosa do monoteísmo filosófico e atendia ao mesmo tempo às exigências da razão e à necessidade religiosa do homem que a filosofia não podia atender por si só: não se reza a um deus que só existe no pensamento.”⁴³ Quando Paulo pregava para estes, ele fazia com que entendessem “... que só com Cristo é que o judaísmo e o paganismo monoteísta, influenciado pelo judaísmo, chegavam ao seu desenvolvimento pleno.”⁴⁴

Em outro contexto, se lê em At 17 a famosa narração da pregação de Paulo aos atenienses. Paulo ensina sobre a natureza de Deus e, no v. 28, cita três filósofos: (1) “Pois nele vivemos, e nos movemos, e existimos”, citação da obra “Cretica”, do poeta Epimênides (600 a.C.), natural de Cnossos, em Creta; (2) “Porque dele também somos geração”, citação das obras de Cleanto (331 – 233 a.C.), filósofo estoico grego, e de Arato (315 – 240 a.C.), poeta de Soli, cidade da província de Cilícia. Estas citações são importantes porque pretendem fazer uma ligação entre a mensagem cristã e a mensagem filosófica a respeito da natureza dos deuses. Segundo Ratzinger,

... o cristianismo se apresenta, desde o discurso de Paulo no Areópago, com a precisão de ser a *vera religio*. Quer dizer: a fé cristã não se baseia em poesia e política, essas duas grandes fontes das religiões; o seu fundamento é o conhecimento. Adora aquele Ser que se acha na base de todo o existente, o “Deus verdadeiro”.⁴⁵

Depois que o apóstolo abordou que Jesus ressuscitou dos mortos, em At 17,32, se lê: “Quando ouvirem falar de ressurreição de mortos, uns escarneceram, e outros disseram: A respeito disso te ouviremos noutra ocasião.” Este relato nos indica que enquanto Paulo falava sobre a natureza de Deus, houve concordância; o que causou desconfiança entre muitos atenienses foi quando ele abordou sobre a ressurreição dos mortos. Paulo ensinou este tema no areópago grego porque tinha convicção de que a sua mensagem não era capaz de satisfazer apenas a alguns, mas que ele “... levava consigo uma mensagem capaz de apelar à razão dos homens e dizer-lhes: todos nós buscamos – neste momento de crise – a Deus, buscamos uma religião que não seja inventada, e sim autêntica, e que, ao mesmo tempo, seja acorde com nossa

⁴¹ *Idem, Natureza e missão da Teologia*, p. 22 – 23.

⁴² *Idem, O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*, p. 136.

⁴³ *Idem. A pretensão da verdade posta em dúvida: a crise do Cristianismo no início do Terceiro Milênio. In: _____; Paolo F. D'ARCAIS, Deus existe?*, p. 14.

⁴⁴ *Idem, O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*, p. 136.

⁴⁵ *Idem, Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 156.



razão.”⁴⁶ No entanto, para Paulo, esta razão que a fé cristã apela não pode ser impessoal. O que muda no cristianismo em relação ao racionalismo filosófico é “... o amor que não é antirracional, mas que excede em muito a razão.”⁴⁷

Em Rm 1,18-31, Paulo descreveu o erro da religião, quando esta se afogou nos mitos e deixou o logos, isto é, a racionalidade, de lado. Ali, ele “Afirma que, no respeitante à filosofia pagã e à sua relação com as religiões de então, os povos do espaço mediterrâneo colocaram o conhecimento de Deus num plano meramente teórico, e que através dessa perversão se tornaram perversos”.⁴⁸ Dessa forma, eles inverteram “... os critérios de verdade, ficaram sem orientação e ponto de referência, incapazes de fazer a distinção entre o baixo e o nobre, o grande e o vulgar, tornaram-se capazes de toda a perversidade...”.⁴⁹ Aqui se percebe que assim que a verdade é obscurecida, o *ethos* também se torna ausente.

O ensino de Paulo, portanto, é prova de que “A religião não seguiu o caminho do logos, ela permaneceu no mito, apesar de saber que este carece de realidade.”⁵⁰ A consequência disso foi “... a sua ruína, que foi uma consequência da separação da verdade, passo esse que fez com que a religião fosse vista apenas como uma *institutio vitae*, ou seja, uma simples instituição e forma de vida prática.”⁵¹ Entretanto, quando Paulo apela à filosofia, ele reconhece que ela tem os seus limites: falta-lhe a revelação do Deus de Israel. O apóstolo ainda averigua que a filosofia, ao destruir os mitos racionalmente, errou ao tentar novamente legitimá-lo no conceito de religião da época, que a localizava na teologia civil. Segundo Ratzinger,

Do ponto de vista da história das religiões, o paradoxo da filosofia da antiguidade consiste em ter ela destruído o mito racionalmente, e, ao mesmo tempo, ter tentado legitimá-lo na religião; isso significa que ela não foi revolucionária em relação à religião e sim, no máximo, evolucionária, pois tratou a religião como uma questão relativa à ordem da vida e não relativa à verdade.⁵²

Em Rm 1,19-23⁵³, “Paulo retoma em poucos versículos a ideia descrita exhaustivamente no livro da Sabedoria, realçando o destino da religião da antiguidade no contexto da separação entre logos e mito”.⁵⁴ O apóstolo é fundamental para confirmar que não podemos unir duas tendências opostas: religião (ligada ao mito) e Logos (ligado à verdade). De fato, “O mesmo

⁴⁶ *Idem.* Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D’Arcais. In: ____; D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?*, p. 31.

⁴⁷ *Ibid.*, p. 33.

⁴⁸ *Idem.* Ich glaube an Gott den allmächtigen Vater (Creio em Deus, Pai todo-poderoso) [1975]. In: _____. *Credo para hoje: em que acreditam os cristãos.* Tradução de José A. C. Pereira. [S.l.]: Editorial Franciscana, [201?]. p. 23.

⁴⁹ *Ibid.*, p. 23.

⁵⁰ *Idem, Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*, p. 105.

⁵¹ *Ibid.*, p. 105.

⁵² *Ibid.*, p. 105.

⁵³ “Porquanto o que de Deus se pode conhecer é manifesto entre eles, porque Deus lhes manifestou. Porque os atributos invisíveis de Deus, assim o seu eterno poder, como também a sua própria divindade, claramente se reconhecem, desde o princípio do mundo, sendo percebidos por meio das coisas que foram criadas. Tais homens são, por isso, indesculpáveis; porquanto, tendo conhecimento de Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças; antes, se tornaram nulos em seus próprios raciocínios, obscurecendo-se-lhes o coração insensato. Inculcando-se por sábios, tornaram-se loucos e mudaram a glória do Deus incorruptível em semelhança da imagem de homem corruptível, bem como de aves, quadrúpedes e répteis.” (Bíblia João Ferreira de Almeida, Versão Atualizada).

⁵⁴ Joseph RATZINGER, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*, p. 105.



destino teria aguardado a religião cristã se tivesse seguido esse caminho da separação da razão e do recolhimento ao ambiente puramente religioso.”⁵⁵

Em terceiro lugar, pode ser citado o apóstolo Pedro. Em sua Primeira Carta, Pedro afirma que os cristãos devem estar e[toimoi (*époimoi*), “preparados”, para avpologi,an (*apologían*), “defender” ou “responder”, o lo,gon (*lógon*), “razão” da esperança que há neles (cf.: 3,15). De acordo com Ratzinger, esse verso leva o cristão a “... dar conta do *logos*. Ou seja: [os cristãos] tem de estar dispostos a demonstrar o *logos*, isto é, o sentido profundamente racional de suas convicções.”⁵⁶ Esse é mais um texto que confirma que o cristianismo, já na sua essência, optou pela razão e não no mito das religiões antigas.

2.2.2 EM AGOSTINHO DE HIPONA

Agostinho de Hipona é um dos teólogos que Ratzinger mais admira. Ele diz: “Sou muito amigo de Agostinho...”.⁵⁷ E também: “Quando leio os escritos de Santo Agostinho, não tenho a impressão de que é um homem que morreu há mais ou menos mil e seiscentos anos, mas eu o sinto como um homem de hoje: um amigo, um contemporâneo que fala comigo, que nos fala com a sua fé vigorosa e atual.”⁵⁸ De fato, a fé de Agostinho é uma âncora para nossos dias; Ratzinger vive e ensina isso. Sobre a opção da Igreja Primitiva pelo racionalismo filosófico, Ratzinger é enfático ao proclamar: “O que surpreende é que, sem nenhuma hesitação, Agostinho situa o cristianismo no âmbito da ‘teologia física’, no âmbito do esclarecimento filosófico.”⁵⁹ De fato, na obra *A Cidade de Deus*, Agostinho enaltece o racionalismo filosófico na pessoa de Platão, e afirma que ele está próximo dos cristãos: “Se, pois, para Platão, sábio é o que imita, o que conhece, o que ama a este Deus e encontra a sua felicidade em participar da sua vida, que necessidade haverá de examinar os demais? Nenhum deles estará mais próximo de nós que os platônicos.”⁶⁰ Alhures, Agostinho afirma qual teologia, na classificação de Varro, deve ser enaltecida por buscar a verdade: “Cedam pois estas duas teologias — a fabulosa e a civil — aos filósofos platônicos que reconhecem o verdadeiro Deus como autor das coisas, fonte luminosa da verdade, dispensador da felicidade eterna.”⁶¹ Embasando-se na Tradição Bíblica, Agostinho ensinou que “... o cristianismo não se fundamenta nas imagens e presságios míticos, cuja justificação reside na sua utilidade política, mas baseia-se naquele divino, cuja realidade pode ser comprovada pela análise racional.”⁶² Assim, o Bispo de Hipona percebeu uma identidade clara entre a busca de Deus na Bíblia e os ensinamentos dos grandes filósofos. Ele afirma:

⁵⁵ *Ibid.*, p. 104 – 105.

⁵⁶ *Idem.* Deus existe?: Debate entre o Cardeal Joseph Ratzinger e Paolo Flores D’Arcais. In: _____; D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?*, p. 31.

⁵⁷ BENTO XVI. *Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos (Uma conversa com Peter Seewald)*. Tradução de Paulo F. Valério. São Paulo – SP: Paulinas, 2011, p. 33.

⁵⁸ *Idem.* Santo Agostinho: II – Os últimos anos e a morte. In: _____. *Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho*. Tradução de Silva D. C. Reis. São Paulo – SP: Paulus, 2012, p. 208. (Audiência geral de 16 de janeiro de 2008). [Coleção “Catequese do Papa”].

⁵⁹ RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 155.

⁶⁰ SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, VIII, V, p. 713. (Vol. I).

⁶¹ *Ibid.*, VIII, V, p. 714.

⁶² RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 156.



Devido a esta imutabilidade e a esta simplicidade, os platônicos compreenderam que Deus fez todos os seres e por nenhum pôde ser feito. Realmente observaram que tudo o que existe é corpo ou vida, que a vida é coisa superior ao corpo, que a forma do corpo é sensível e a da vida é inteligível. Puseram, portanto, a forma inteligível acima da forma sensível. Ora nós chamamos sensível ao que pode ser percebido pela vista e pelo tacto do corpo; inteligível ao que pode ser captado pelo olhar do espírito.⁶³

Agostinho, portanto, “... identifica o monoteísmo bíblico com os conhecimentos filosóficos sobre a razão de ser do mundo, que se formaram, em variações diversificadas, na filosofia antiga.”⁶⁴ Se a teologia natural é a base para a razão, e da mítica provém as fábulas já ultrapassadas para os “iluminados” como Platão (427 – 347 a.C.), quando Agostinho classifica a religião cristã como teologia natural, ele rompe com o paradigma da época, e prova que,

No cristianismo, o conhecimento racional tornou-se religião, e não o seu adversário. E porque foi assim, porque o cristianismo entendeu-se a si mesmo com a vitória sobre a desmitologização, como vitória do conhecimento e, com ele, como vitória da verdade, deve-se considerar a si mesmo como universal e ser levado a todos os povos. Não é uma religião específica, que reprime outras.⁶⁵

CONCLUSÃO

À vista de tudo o que foi exposto, Ratzinger nos presenteia, por meio de suas reflexões, com alguns ensinamentos. Em primeiro lugar, o cristianismo não é, em sua essência, mito. O cristianismo é embasado na obra do Deus que cria todas as coisas, que se manifesta em Jesus, e que é o Logos, a razão que é também amor, à qual se pode orar e confiar. Em sua primeira encíclica, *Deus é Amor*, Bento XVI deixa claro: “No início do ser cristão, não há uma decisão ética ou uma grande ideia, mas o encontro com um acontecimento, com uma Pessoa que dá à vida um novo horizonte e, assim, o rumo decisivo.”⁶⁶ Sendo assim, classificar a religião cristã como um mito que deve ser escamoteado da mesma forma que as religiões antigas, não é ser sincero com os fatos. Em segundo lugar, Ratzinger ensina que Deus também concedeu sabedoria aos filósofos antigos para que pesquisassem e chegassem a verdades sobre a natureza divina. O elogio de Agostinho aos filósofos da linha de Platão é uma prova de que eles fizeram um bom trabalho. A mesma simpatia que Agostinho tinha por Platão, Ratzinger também possui. Certa vez, ele afirmou: “Sou, em certa medida, seguidor das ideias de Platão. Penso que há uma espécie de memória, de memória de Deus, como que gravada no Homem, a qual, no entanto, tem de ser despertada.”⁶⁷ E reconheceu ainda que Platão fez certo em “... tentar abolir o mito homérico clássico, para substituí-lo por um mito novo, que estivesse de acordo com o logos.”⁶⁸ Esse diálogo entre filosofia e teologia leva à conclusão de que ambos os grupos sempre partem do mesmo princípio, que é o ser de Deus.

⁶³ SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*, VIII, VI, p. 718.

⁶⁴ RATZINGER, Joseph. *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*, p. 156.

⁶⁵ *Ibid.*, p. 156.

⁶⁶ BENTO XVI. *Deus é Amor*. São Paulo – SP: Paulus & Loyola, 2006. Introdução, 1, p. 7. [Dado em Roma no dia 25 de Dezembro de 2005]. (Coleção: “Documentos do Magistério”).

⁶⁷ RATZINGER, Joseph. *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*, p. 35.

⁶⁸ *Idem*, *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*, p. 104.



Em terceiro lugar, Ratzinger demonstra a importância da leitura dos Pais da Igreja para uma verdadeira compreensão da fé. De acordo com ele, a leitura de Agostinho é imprescindível para que se entenda que na sua origem, o cristianismo não se propôs a ser mais uma religião mitológica ou mesmo política. Os Pais da Igreja enaltecem a fé da Igreja com sua interpretação da Bíblia e da história. Ratzinger confessa: “... quando leio os Padres da Igreja, resplandece a beleza da fé...”.⁶⁹ Portanto, sua leitura é essencial. Em quarto lugar, Ratzinger ensina que se o cristianismo foi imprescindível para responder aos anseios das pessoas que viveram na época da crise dos deuses, ele pode ser também importante para o atual momento em que tudo é relativo, em que a verdade parece distante e a vida sem sentido. Nas palavras do Papa Emérito:

A tentativa de dar novamente, nessa crise da humanidade, um sentido compreensível à noção de cristianismo como *religio vera* deve, por assim dizer, apontar igualmente para a ortopraxia e para a ortodoxia. No nível mais profundo, o seu conteúdo deverá consistir, hoje – como sempre, em última análise –, no fato de que o amor e a razão coincidem enquanto verdadeiras colunas fundamentais do real: a razão verdadeira é o amor, e o amor é a razão verdadeira. Na sua unidade eles são o verdadeiro fundamento e finalidade de todo o real.⁷⁰

BIBLIOGRAFIA

- BENTO XVI. *Deus é amor*. São Paulo – SP: Paulus/Loyola, 2005. 52 p. [Dado em Roma no dia 25 de Dezembro de 2005]. (Coleção “Documentos do Magistério”).
- _____. *Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos* (Uma conversa com Peter Seewald). radução de Paulo F. Valério. São Paulo – SP: Paulinas, 2011. 246 p.
- _____. *Os Padres da Igreja: de Clemente Romano a Santo Agostinho*. Tradução de Silva D. C. Reis. São Paulo – SP: Paulus, 2012. 230 p. [Coleção “Catequese do Papa”].
- _____. *Spe salvi: sobre a esperança cristã*. São Paulo – SP: Paulus/Loyola, 2007. 61 p [Carta encíclica dada em Roma em 30 de novembro de 2007]. (Coleção “Documentos do Magistério”).
- RATZINGER, Joseph (BENTO XVI). *Fé, Verdade, Tolerância: o Cristianismo e as grandes religiões do mundo*. 2. ed. Tradução de Sivar H. Ferreira. São Paulo – SP: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio” (RAMON Llull), 2013. 246 p.
- _____. *Introdução ao Cristianismo: preleções sobre o símbolo apostólico*. Tradução de Alfred J. Keller. 7. ed. São Paulo – SP: Loyola, 2014. 268 p. [Com um novo ensaio introdutório].
- _____. *Ser cristão na era neopagã: vol. II: Discursos e Homilias (2000 – 2004) & Debates (1993 e 2000)*. Campinas – SP: Ecclesiae, 2015. 154 p. (Organização de Rudy Albino de Assunção).
- RATZINGER, Joseph (BENTO XVI); D’ARCAIS, Paolo F. *Deus existe?* Tradução de Sandra M. Dolinsky. São Paulo – SP: Planeta, 2009. 125 p.

⁶⁹ BENTO XVI. *Luz do mundo: o Papa, a Igreja e os sinais dos tempos*, p. 32.

⁷⁰ RATZINGER, Joseph. Cristianismo: a vitória da inteligência no mundo das religiões. In: _____. *Ser cristão na era neopagã: vol. II: Discursos e Homilias (2000 – 2004) & Debates (1993 e 2000)*, p. 28.



- RATZINGER, Joseph. Ich glaube an Gott den allmächtigen Vater (Creio em Deus, Pai todo-poderoso) [1975]. In: _____. *Credo para hoje: em que acreditam os cristãos*. Tradução de José A. C. Pereira. [S.l.]: Editorial Franciscana, [201?]. p. 21 – 34.
- _____. *Natureza e missão da Teologia*. Tradução de Carlos A. Pereira. Petrópolis – RJ: Vozes, 2008. 104 p.
- _____. *O sal da terra: o cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio (Um diálogo com Peter Seewald)*. Tradução de Inês M. de Andrade. Rio de Janeiro – RJ: Imago, 1997. 223 p.
- ROWLAND, Tracey. *A fé de Ratzinger: a teologia do Papa Bento XVI*. Tradução de Carlos P. Alonso. Campinas – SP: Ecclesiae, 2013. 279 p.
- SANTO AGOSTINHO. *A cidade de Deus*. Tradução de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996. 815 p. (Vol. I, Livros I a VIII).
- SARTO, Pablo B. *La Teología de Joseph Ratzinger: una introducción*. 2ª. ed. Madrid: Ediciones Palabra, 2011. 427 p. (Colección: Pelicano).

Recebido em: 05/08/2016
Aprovado em: 28/10/2016